

Cyolo, abril 61

Têrça-feira, 3 de Fevereiro de 1959

RUBEM BRAGA

NÃO SOU EU

A CHEI graça na primeira história que me contaram: um bêbado usava o meu nome em um bar, tomando grande uiscada à custa de um meu admirador. Depois passei a achar menos graça: o falso Rubem Braga aparecia chorando no Cais do Pôrto ou fazendo comício na rua Farani. Agora diariamente ouço uma ou duas proezas dêsse cavalheiro que perambula pela cidade dando vexames em meu nome.

Ora, eu já posso ser culpado de tanta coisa que não me agrada acumular os pecados de outrem. Peço às pessoas que não me conhecem pessoalmente que quando aparecer um Rubem Braga falando alto, citando crônicas e dando alteração, tenham a fineza de chamar a polícia. Não quero que maltratem o rapaz, mas uma noite de xadrez deve lhe fazer bem, e talvez êle perca essa mania de assumir a personalidade dêsse apagado cronista. Com êste pedido estou correndo o risco de ir eu mesmo em cana, como se fôra um falso eu. Em todo caso o vexame ficará entre mim e eu, ou entre eu e mim — tudo em casa.

Cyolo - 17-4-61